

O AMOR COMO ARGUMENTO: UMA ANÁLISE TEXTUAL DE GÊNEROS PRODUZIDOS POR SUICIDAS

THE LOVE AS AN ARGUMENT: A TEXTUAL ANALYSIS OF GENDERS WRITTEN BY PEOPLE WHO HAVE COMMITTED SUICIDE

Evandro de Melo Catelão*

RESUMO

O presente estudo visa apresentar resultados obtidos com o modelo de análise textual/discursiva adaptado de Adam (2011) utilizado em gêneros produzidos por suicidas (cartas e bilhetes) que tinham como motivação o amor, ou amor não correspondido como causa para a morte autoinfligida (*corpus* coletado em inquéritos arquivados no Arquivo Nacional do RJ – 1889 - 1940). O modelo de análise criado permitiu identificar esse tipo de motivação (quando comparados a outras motivações encontradas) além de indicar que os documentos se enquadravam em um plano de representações construídas sobre ações em dois movimentos: a escolha pela morte voluntária e a elaboração de uma mensagem escrita, nem sempre centrada na apresentação das motivações ao ato suicida. Na utilização do modelo, identificou-se tratar de uma atividade sociodiscursiva materializada por um formato escrito, trazendo, na maior parte dos casos, crenças e imagem de um eu discursivo conservador e religioso.

Palavras-chave: Argumentação. Produções de Suicidas. Linguística Textual.

ABSTRACT

This study aims to present results obtained from the use of the textual / discursive analysis adapted from Adam (2011) model used in genres produced by suicide (letters and notes) who were motivated by the love or unrequited love as the cause of self-inflicted death (corpus collected in surveys filed in the National Archive of RJ – 1889-1940) . The analysis model created identified this type of motivation (when compared to others found motives) and indicates that the documents fell into a plan to build representations of actions in two movements : the choice of voluntary death and

* Professor do Magistério Superior da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

the preparation of a message writing, not always focused on presenting motivations for suicidal act . Using the model, it identified treating a sociodiscursiva activity materialized by a written format, bringing, in most cases, beliefs, and I image of a conservative and religious discourse.

Keywords: *Argumentation. Suicide Productions. Text Linguistics.*

INTRODUÇÃO

A situação de produção que rege a escritura de uma carta ou bilhete de suicídio é recorrente em outros casos que envolvem a escolha pela morte voluntária, tanto por sua estrutura quanto pelo tipo de discurso e imagem de si construída discursivamente, expressando também um conjunto de crenças. Esse fato leva a indicar que a argumentação do suicida pode ser tomada como uma forma de composição elementar e ser expressa por representações em um esquema argumentativo, presente na memória discursiva dos sujeitos, e pode ser materializada em textos. Assim, variadas seriam as formas de análise a serem executadas na descrição desse tipo de documento, bem como seus tipos de análise (sociológica, psicanalítica, entre outras). Nesses limites, a Linguística Textual tem trazido algumas formas de visualização de diferentes gêneros entre as quais se destacam linhas que caminham por um diálogo entre vertentes teóricas, como é o caso dos trabalhos desenvolvidos por Jean-Michel Adam pelo que o autor tem chamado de “análises textuais/discursivas”, inserção da Linguística Textual no campo da análise de discursos.

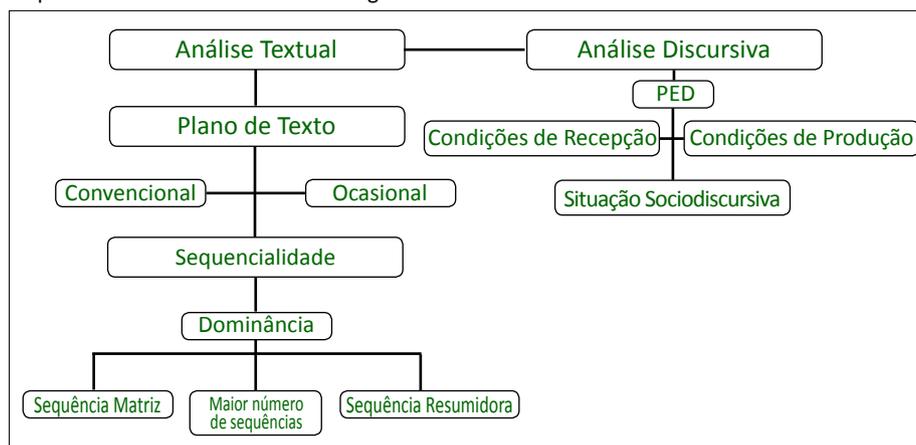
Neste artigo, objetiva-se apresentar parte do modelo de análise criado em pesquisa de doutorado que possibilitou a indicação de crenças e motivações para a escrita de documentos suicidas, ilustrando os casos por motivação amorosa, ou o amor não correspondido como motivo para o suicídio. O modelo foi criado com base nos trabalhos de Adam (1997; 2005; 2010a; 2011), tendo como enfoque uma análise pelas projeções argumentativas dos documentos. Destaca-se para este estudo um recorte da problemática do trabalho original (preocupada com o exame da argumentação por aspectos composicionais, discursivos e retóricos), agora concentrada em questões discursivas/composicionais com base em pontos da Linguística Textual.

O *corpus* total, incluindo os casos aqui expostos, foi coletado em inquéritos policiais encontrados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (1989 a 1940). Para este artigo selecionaram-se categorias com motivação amorosa que exemplificam o modelo pelas temáticas: paixão amorosa não correspondida, abandono amoroso e o amor como motivo para o ato suicida, visualizados pela projeção de sequencialidade e de esquematização discursiva.

1 O modelo de análise desenvolvido: visão textual/discursiva, sequencialidade argumentativa e esquematização discursiva.

O modelo teórico utilizado nas análises foi desenvolvido tendo em vista aspectos teóricos da ATD (análise textual discursiva) desenvolvida por JM Adam. Por uma questão de espaço, será apresentada apenas uma visão geral da ATD, destacando os principais elementos empregados para o desenvolvimento do modelo de análise. Para guiar o leitor no percurso de descrição, apresenta-se o esquema 1 (a seguir) que traz as duas bases de análise fundamentais discutidas: a) textual (composicional em Adam (2011)), com a descrição de plano de texto e regime de sequencialidade; b) discursiva com uma apresentação sucinta do processo de esquematização discursiva (PED).

Esquema 1 – Plano de análise do artigo



Fonte: Adam (2011).

Desenvolvendo o esquema, inicia-se com a apresentação do modelo textual/discursivo de Adam (1999; 2010b; 2011) que estabelece critérios de análise com base em dois universos: o da Análise dos Discursos (relação entre gênero, interdiscurso e formações discursivas em uma visão caracterizada como interdisciplinar à medida que aproxima conceitos e vertentes teóricas) e o da Linguística Textual (que condensa uma visão do campo composicional em uma interface segmentação/ligação). Nesses limites, Adam (2011) desenvolveu, ao longo de seus estudos, uma abordagem que busca inserir a Linguística Textual no campo da Análise de Discursos (emancipada da AD francesa) como fonte para suas análises.

No campo discursivo da ATD, os textos são entendidos em sua dimensão social, inseridos em redes institucionais de diferentes grupos que demandam diferentes corporalidades a partir da situação de enunciação. Sua produção fica então ligada às representações que são construídas sobre a ação requeridas pelos enunciadores – intenções, motivações e conteúdos somados às representações dos **gêneros** disponíveis no interdiscurso (lugar onde constroem seu significado com base em outros discursos).

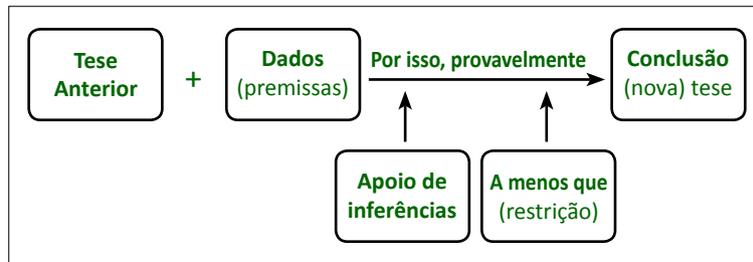
Pelas características textuais, as operações delineadas marcam elementos de crescente complexidade das palavras para as proposições, das proposições para os períodos e sequências, e dos períodos e sequências para o plano de texto. Discutindo nos limites do esquema 1, para Adam (2011), a definição de plano de texto está ligada ao reconhecimento do texto como um todo, ou seja, uma visão constitutiva do texto com observação das sequências e/ou períodos que dele fazem parte. A flexibilidade composicional encontrada nos textos leva o autor à distinção entre **plano de texto** fixo (PTF) ou convencional (que apresenta uma estrutura canônica) e ocasional (PTO). Os critérios de dominância textual (matriz, maior número de sequências ou pela qual o texto pode ser resumido) contribuem para a distinção em PTO e PTF e são guiados pelo regime de sequencialidade.

As sequências (argumentativa, descritiva, narrativa, explicativa e dialogal) são formadas por espécies de períodos com propriedades mais específicas. Segundo os objetivos desse trabalho, delimita-se para descrição o protótipo da sequência argumentativa que ilustra também a origem de parte do modelo de análise desenvolvido. Essa sequência representa um tipo de estrutura que apresenta determinadas particularidades quando em relação a outras sequências: descritiva, explicativa e dialogal, por exemplo. Na argumentação o enunciador busca construir representações reais ou imaginárias, dividir opiniões com um ou vários coenunciadores, provocar adesão a sua opinião

ou compartilhar uma tese. Para estabelecer essa intenção, a sequência argumentativa tem base na ligação entre características gramaticais, pragmáticas e semânticas com centralidade em três aspectos: os dados ou premissas, as inferências ou princípios de apoio e as conclusões.

O esquema prototípico da sequência argumentativa (aplicado nas análises) apresenta ainda outras propriedades. Complementa-se o quadro argumentativo com a relação existente entre uma proposição argumentativa e outra, que abre espaço à tese anterior.

Esquema 2 – Sequência Argumentativa



Fonte: Elaborado pelo autor baseado em Adam (2011, p. 233).

No esquema, a tese anterior se estende a outras teses que mantêm relação com a nova conclusão (ideia ou posicionamento defendido). A nova tese é motivada pelas inferências que se apoiam nos dados expressos junto à proposição – conforme será exemplificado nas análises do artigo. Adam (2004) afirma que seu esquema não está estruturado em uma ordem linear obrigatória; a nova tese, por exemplo, pode ser formulada no início e retomada por uma conclusão que a duplica ao fim da sequência. Para o autor, o esquema também comporta os níveis justificativo e dialógico ou contra-argumentativo de argumentação. No justificativo, o interlocutor é pouco levado em conta e a estratégia abrange a exposição dos conhecimentos. Na dialógica, “a argumentação é negociada com um contra-argumentador (auditório) real ou potencial. A estratégia argumentativa visa a uma transformação dos conhecimentos” (ADAM, 2004, p. 234).

Por fim, no campo de análise discursiva do esquema do artigo, delimita-se como ferramenta de análise o processo de esquematização discursiva (PED). Em Adam (2010a) o PED compreende três aspectos que permitem visualizar traços seguros de transição de uma análise textual para uma análise discursiva.

Grosso modo, a realização do PED compreende interligar elementos “contextuais” dos gêneros que implicam a própria atividade de linguagem por ele desempenhada. São eles: os parâmetros da **situação sociodiscursiva** em questão, esta fruto de aspectos inerentes ao próprio gênero; os parâmetros das **condições de produção** que representam as necessidades para a ocorrência do discurso – imagem de lugar e de tempo, por exemplo; e as **condições de recepção** do discurso que representam para a PED a projeção da imagem do auditório – *pathos* por uma relação historicamente construída em torno da situação sociodiscursiva. A projeção de *ethos* – imagem/representação de si construída no discurso (AMOSSY, 2005) – é observada também como parte da PED (ADAM, 2005, p. 107), direcionada por dois aspectos: visão do sujeito no mundo e a imagem esquematizada desse sujeito no discurso (*ethos*).¹

2 Aplicações e análises: contrastes da argumentação suicida com amor como argumento.

¹ Toma-se parte desses aspectos na análise, mas limita-se nos fundamentos apenas a trazer essas delimitações generalizadas. Aparecem nos campos da análise do *ethos* indicações teóricas para consulta do leitor quando necessário.

No recorte da pesquisa para o artigo, delimita-se que o *corpus* aqui utilizado para aplicação do modelo de análise criado seguiu um único direcionamento no estudo maior, textos que indicavam motivação amorosa, ou trouxeram como pano de fundo alguma relação com o termo. Nesse sentido, foram escolhidos (também por uma questão de espaço), apenas os textos mais representativos de três enunciadoreos distintos, havendo casos de mais de uma produção para o mesmo autor. Destaca-se que todos os textos em análise são representativos de planos de texto convencionais encontrados (carta e bilhete representativos dos próprios gêneros) e serão descritos por seu regime de sequencialidade.

A) Paixão amorosa não correspondida: a argumentação pela ameaça de homicídio seguida de suicídio

As cartas e bilhetes encontrados nesta categoria expõem traços da opção por morte voluntária atrelada à crença do amor não correspondido e ligado ao sentido de ingratidão, pela argumentação de autor empírico do sexo masculino, permitindo traçar um perfil de *ethos* pré-discursivo (AMOSSY, 2005): o homem, de meia idade, casado e com filhos que se relaciona com uma mulher mais nova. Em T3A e T3B (que podem ser visualizados a seguir), tem-se a característica da subdivisão do discurso, aqui em duas cartas com fechamento e assinatura, referindo a dois momentos de produção distintos, mas interligados e sem uma marcação da seção de abertura. Nesse caso, a situação sociodiscursiva de produção volta-se a dois escritos nos quais a intenção discursiva seria declarar/explicitar os motivos e intenções atreladas à prática do suicídio. Os dois documentos encontrados apresentam datas diferentes de produção, 4 de dezembro de 1933 (T3A) e 19 de setembro de 1933 (T3B), que, apesar do espaço de tempo, se comutam em partes de um mesmo conteúdo proposicional, conforme segue já com a divisão de sua estrutura segundo princípio traçado na disposição (taxis) pela retórica.

T3 8ª pretoria 73 1052 – 1933 – Suicídio. Caracteriza-se por duas cartas escritas por Horácio Gonçalves Vianna, casado, 43 anos de idade, que, segundo ele, mantinha relação extraconjugal com Zélia Del Giudice (20 anos de idade, solteira – citada na carta). Horácio tentou matar Zélia quando ela atravessava o jardim de sua residência e suicidou-se a seguir. O inquérito aponta para morte por projétil de arma de fogo “como a arma tivesse falhado e vendo que não conseguia o seu desejo, sentou-se em um canteiro do jardim, consertou a arma, encostou-a sobre o peito, desfechando um tiro, caindo quase que imediatamente, morto” (folha 3). As cartas foram encontradas no bolso do suicida “No bolso das vestes do morto encontrei uma carta em que Horácio diz ter verdadeira paixão por Zélia e que não poderia, jamais viver sem ela; por isso resolvera mata-la e em seguida, suicidar-se. O comissário do dia: -Savio Magioli” (folha 3). As cartas encontradas expõem o descontentamento de Horácio que ao ser abandonado por Zélia decide pelo homicídio da amante seguido de suicídio. As cartas aparecem dispostas em meia folha de papel almaço somando seis faces. A primeira na folha 19 do inquérito datada em “4/12/933” (4 de dezembro de 1933) e a segunda na folha 20 em “29/11/933” (29 de novembro de 1933), estando, portanto, anexas no inquérito em ordem decrescente de data de produção. Apresenta-se para a análise a disposição cronológica.

Documento 1 (T3A), folha 20

<ABERTURA>

<EXÓRDIO>

<NARRAÇÃO/CORPO DA ARGUMENTAÇÃO> [1]Uma verdadeira loucura motivada por uma paixão louca e cega por esta pobre e infeliz Zélia, a quem o destino nos fez conhecer para

ao fim de 2 anos terminar-mos tão tragicamente e além de a deshonrar ainda pagou injustamente com a vida, pois eu só a mato por saber que a própria mãe está espalhando a difamação de sua própria filha commigo, em lugar d'ella procurar abafar para evitar chegar ao conhecimento não só do próprio pae como do Julio, pois sendo elles conhecedores só poderá resultar o escândalo bem como a desgraça não só da própria filha ser assassinada e eu também ou pelo pae ou pelo noivo ou por qualquer pessoa da familia d'ella.

[2]Assim deliberei matal-a bem como suicidar-me pois deste modo pouparei alguns momentos de verdadeira tortura para ella pela vergonha deante da família bem como da minha, <CONFIRMAÇÃO>pois só não dei somisso de minha vida a mais tempo procurando um meio para evitar essa vergonha e desgraça que me faz andar com a consciência envergonhada de meu acto tão infame que nem sei explicar como assim procedi pois longos anos tenho trabalhado no Comercio em grandes casas onde o numero de moças são grandes e nunca tentei abusar com nenhuma d'ellas, e ellas poderão attestar esta verdade assim como os proprios chefes destas como sejam Capital e Pasa Royal bem como outras mais, nem mesmo com as casadas, viúvas e outras mais.

[3]Infelizmente este meu amôr foi fruto unicamente das factalidades dos proprios paes apesar que eu fui um infame pois era amigo do proprio pae, mas são cousas da vida que eu mesmo perguntei algumas vezes a ella, **querida como foi que tu criastes amizade a um velho como eu?**

[4]E a resposta era, **o amôr meu velho não escolhe idade nem tão pouco beleza!!....**

A tu mim não pode (linha ilegível)

[5]Zélia era de um genio alegre e muito brincalhona com todos e bem prestativa, e assim ajudava-me em trabalhos da loja que eu levava para minha casa, e então eu e minha senhora por ella andar não só me ajudando como por ella ser agarrada com minha senhora dava-mos sempre pequenas lembranças de pouco valôr, como sejam sabonetes escovas brilhantinas, e algumas vezes cortes de vestidos barato assim como joias, pois ella alem de lavar tanques de roupas e ser uma especie de negrinha da casa dos paes nem isto mesmo lhe davam e d'ahi começou haver ciumada da parte das irmãs.

[6]Um ponto importante, quando Zélia foi prohibida de entrar em minha ^{casa} pela primeira vez e o pae querendo arrancar alguma cousa exigiu a confissão d'ella com um revolver no ouvido, mas nada ficou apurado pois no momento nada existia e se houvesse ella teria confessado pois ella tinha pavor em ver um revolver.

[7]Das ciumadas passaram a haver ditos por parte de pessoas da própria familia d'ella, que circularam pelos parentes d'ellas e meus resultando que ella ficou prohibida de entrar em minha casa, para mais tarde o próprio pae dizer que não deveria eu ligar importancia ao passado porque elle proprio verificara ser intrigas por parentes, porém a mãe d'ella criou-me um ódio que apesar de sempre falar risonha comigo, não deixava de me defamar com as pessoas de relação d'ella e dos meus, não refletindo que com isto resultava a difamação da propria filha d'ella, e isto todos poderão affirmar, sendo que commigo os paes conversavam e nada me falavam porem ella soffreu tudo bofetadas, pontapés e insultos que nem uma vagabunda aceitaria, e dahi resultava os queixumes d'ella e o desejo de suicidar-se e que eu com minha mulher aconsenhava-mos ella a desistir, virando d'ahi as lamentações e a minha declaração de paixão por ella em 31 de dezembro de 1931 tornando-se ella minha amasia a 12 de agosto de 1932 vivendo até 24 de novembro ¹⁹³³ em dois encontros noturnos todas as noites, sendo que nesta data fomos descobertos no lugar de nossos encontros.

<PERORAÇÃO> [8]De tudo isto o que mais remorsos eu levo é do meu baixo proceder que tive com minha mulher pois até o ultimo momento ella foi illudida na bôa fé não só por minha

como pela infeliz coitada, mas de tudo isso te peço perdão não só pelo meu proceder como pelo della, pois de tudo sou eu o responsável, mas o que quer depois de ter cometido o delicto tentei algumas vezes esquecer-me d'ella, mas sentia ser impossível não só pelas saudades bem como na minha consciencia eu repudiava deixal-a assim infelicitada, e mesmo porque ella implorava-me também não abandonal-a pois ella então era louca de amor por mim.

[9]Assim a tu querida mulher exemplar peço-te perdão e que nossos filhos te ampare assim como a nossa Jandyra e que Deus te proteja e que dê um destino melhor a ella do que esta infeliz, e que meus filhos fujam sempre das facilidades com mulheres que resultam sempre a desgraça.

<FECHAMENTO> [10]Aos amigos me desculpem qualquer falta bem como aos parentes.

[11]Ao meu velho pae me perdôe eu mancho o nome de nossa familia, e de passar por mais este desgosto no fim de sua vida.

[12]Perdoae senhor aquelles que erram e que na hora da morte ainda se lembram de vós, ainda mais que eu sou um duplo pecador por alem de me matar ainda tirei a vida de um coração jovial que me amou durante 2 anos.

[13]Horacio Vianna

[14]Rio 29/11/933

Documento 2 (T3B), folha 19

<ABERTURA>

<EXÓRDIO>

<NARRAÇÃO/CORPO DA ARGUMENTAÇÃO> [1]Pagarais a ingratidão com a tua vida

[2]Declaro que faço essa declaração unicamente para que ninguem suponha que eu a mato seja para que ella não se case, ou porque eu queira mas qualquer cousa do que já conquistei.

<CONFIRMAÇÃO>[3]Por ella cazar-se não é, pois tudo estava combinado que continuaríamos a nos querer bem e ella jurou me que tudo faria para estar commigo em um certo logar.

[4]Para provar que não é difamação de que deshonoraria, dou as seguintes provas.

[5]De que existe na parede do lado de fora da privada duas cavidades onde eu pouzava os pés quando subia e só poderia subir com o auxilio d'ella conforme o irmão Pedro viu e deu o alarme chamando o Waldemar que mandando ella abrir a porta me encontrou d'etraz da bacia de banho, e a prova do defloramento o exame pericial attestarará assim como poderá affirmar de que não foi um encontro único e obrigado pois tivemos mais de 200 relações.

[6]Nada d'isto eu declararia se não fosse a ingratidão que ella me está fazendo não só de não me fallar como não ligando attenção a nenhum de meus sinaes d'esde o dia 26 de Novembro, e assim tenho lutado para ver se conseguia fallar ainda para resolver como iríamos viver.

[7]Porém com o desprezo completo d'ella resolvi matala d'esde o dia 29, já dei algumas investidas mas faltava-me coragem para matar aquella a quem fui louco e cego de amor, como também pensando a triste situação em que iha deixar minha Maria coitada em que o destino quiz dar uma sorte são infeliz.

<PERORAÇÃO>[8]Assim ando alucinado cometendo o que minha consciencia sempre fugiu, trepando por muros, telhados e janelas para para ver esta ingrata que procura só agora fugir de meus olhares.

<FECHAMENTO>

[9]Horácio

4/12/933

Iniciam-se as considerações a respeito de T3A e T3B por suas esquematizações discursivas, traçando parâmetros da situação sociodiscursiva, condições de recepção e condições de produção.

A princípio, destaca-se o regime de materialidade dos documentos, duas situações de produção distintas, sendo duas cartas escritas à mão no início da década de 1930 e anexas ao auto de inquérito de suicídio de Horácio Vianna. Na projeção dos termos da esquematização discursiva dos documentos, está expresso um mesmo tipo de situação sociodiscursiva de produção para as duas cartas ligado à intenção do enunciador em deixar uma mensagem escrita com os motivos e/ou intenções da escolha pelo homicídio e morte autoinfligida.

As intenções de produção se direcionam à tentativa de exposição do ponto de vista do enunciador nas duas situações de produção. Em T3B, em razão de ser a ingratidão a causa para o homicídio da amante e, em T3A, pode ser o homicídio seguido de suicídio uma forma de livrar-se da vergonha e dos tormentos causados pela desonra de si e do nome da família. Trata-se de uma crença que, pelo regime observado em Agrest (2010), pode aparecer ligada à autocobrança ou à inquietude com a desonra da família, remetendo a tratar-se de uma preocupação ou conceito social mais arraigado no período de produção dos documentos, década de 1930, profundamente marcada por valores patriarcais. O documento mostra uma referência à paixão amorosa e ao sentimento de abandono, sendo estes atrelados à desonra, à vergonha e à própria morte como escapismo do que seria uma tortura.

As condições de recepção (dentro dos pressupostos que a PED delimita para uma análise nesse limite e pelas indicações do próprio enunciador suicida) encontram-se ligadas a um auditório conservador, contra as condutas do orador, mas que não aparece explicitamente nos documentos como coenunciador. O orador expõe seu ponto de vista de forma generalizada, com muitas citações de familiares, de amigos, da esposa, dos familiares da amante, mas apontando-os como envolvidos na decisão do suicídio. Esse direcionamento também aparece na imagem de si exposta junto à preocupação em livrar-se da desonra, ao arrependimento mostrado e gerado pela condição deixada à esposa, à citação do pai no fechamento, como também à referência religiosa e à autocondenação em “[12]Perdoae senhor aquelles que erram e que na hora da morte ainda se lembram de vós, ainda mais que eu sou um duplo pecador por alem de me matar ainda tirei a vida de um coração jovial que me amou durante 2 anos”.

As duas cartas apresentaram um plano de texto delineado e traçado segundo o objetivo discursivo visado, declarar os motivos para o ato suicida, aspecto também observado pela utilização de conectivos variados. Nesse sentido, visualizou-se pelas aplicações certa dominância argumentativa quanto à sequencialidade para esse e outros documentos analisados, também apresentando um plano de texto fixo, convencional, assemelhando-se prototipicamente ao plano da carta pessoal, gênero epistolar apresentado por Adam (2011, p. 258) – abertura, exórdio, corpo da carta, peroração e fechamento e que são, segundo ele, “prescritas pelo gênero”.

Apesar do plano fixo, em ambas as cartas não há apresentação da seção de abertura com o vocativo marcado. A falta de delineamento do exórdio também foi uma característica dos dois documentos, distanciando a formação da figura do *ethos* inicial e, conseqüentemente, sua função fática, de interlocução. Ambos os discursos iniciam com a narração ou corpo argumentativo e, dessa forma, assumem um direcionamento a um auditório universal, o que, ao mesmo tempo, indica um caráter deliberativo, ou seja, próprio do gênero deliberativo, em que o auditório já conhece o teor do discurso.

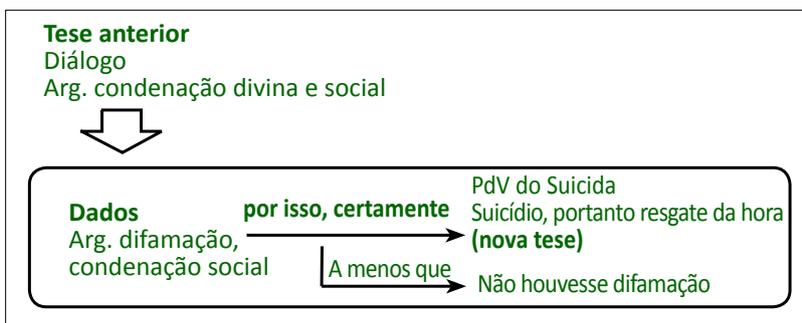
Em T3A, o discurso é iniciado pela narração ou corpo da argumentação, trazendo como motivo de interlocução a declaração/afirmação da morte voluntária e do homicídio. A confirmação inicia-se com a retomada da tese de “suicídio precedido de homicídio, portanto resgate da honra”, seguida dos dados que reforçam essa tese de [2] a [7]. A peroração em [8] e [9], ao trazer o desconforto em relação à traição à esposa, descrita como exemplo de índole, reforça o discurso em

dois lados, em primeiro lugar pela mobilização das paixões do auditório em função da adesão à tese e, em segundo, pela marcação da imagem de *ethos*, aquele que reconhece o “mau proceder” em relação à família. No fechamento, destacam-se os pedidos de desculpas, perdão e fecho com reconhecimento de culpa, seguido da assinatura, local e data.

Em T3B, tem-se, assim como em T3A, a proposição “Pagaraís a ingratidão com a tua vida”, que corresponde, na sequência argumentativa, à nova tese e apresenta uma força ilocucionária declarativa, seguida do verbo performativo “declarar”, sem determinar um destinatário para o discurso. Junto ao performativo “declarar”, tem-se o início da narração e a apresentação do corpo argumentativo com os dados relativos à tese de “ingratidão, portanto, homicídio” em [2]. Em seguida, aparece a confirmação dos dados, parte mais longa contendo um conjunto de provas. A confirmação tem ênfase no *logos*, gerando credibilidade à nova tese [3] e também recorrendo sobre o *pathos*, gerando piedade e indignação sobre os dados. A peroração, ou término do discurso, ocorre por mobilização da paixão ou indignação do auditório em razão da tese de “ingratidão, portanto suicídio”. Por fim, o fechamento traz a assinatura e a data.

No regime da sequencialidade argumentativa dominante, traça-se a seguinte corporalidade da apresentação dos argumentos para T3A:

Esquema 3 – T3A: resumo da sequencialidade argumentativa



Fonte: elaborado pelo autor.

Nesse documento, a marcação da tese anterior aparece junto à ideia de condenação divina e social em “[12]Perdoae senhor aquelles que erram e que na hora da morte ainda se lembram de vós, ainda mais que eu sou um duplo pecador por alem de me matar ainda tirei a vida de um coração jovial que me amou durante 2 anos”, junto à peroração, reforçando o sentido da nova tese de resgate da honra. Essa tese anterior, que também direciona a imagem de si do autor discursivo, pode ser visualizada na figura do homem casado e mais velho que se vê condenado divina e socialmente pela relação extraconjugal com sua ex-empregada. Os dados que direcionam a nova tese são estabelecidos em torno da ideia de difamação das vítimas e da proposição de imagem de si no sentido de confortador, libertador da tortura e da vergonha. As inferências ficam em torno de a difamação pelo adultério e o sexo sem casamento serem condutas que geram desonra, principalmente à mulher. A morte evitaria a vergonha diante da família, assim como o sentimento de culpa seria o motivo do homicídio seguido de suicídio. Em T3A, a restrição ficaria por conta da difamação, pois, se ela não tivesse acontecido ou não houvesse motivo de difamação, o homicídio e o suicídio não seriam necessários.

No esquema argumentativo de T3B, tem-se, como dito, o direcionamento da tese de suicídio junto à tese de resgate da honra. Conforme esquema de sequencialidade seguinte:

Esquema 4 – Esquema de sequencialidade de T3B



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao iniciar o discurso com “[1]Pagarais a ingratidão com a tua vida”, o orador expõe logo de início a nova tese e a intenção principal do discurso em demonstrar os motivos para o homicídio. Em T3B, os dados que orientaram a nova tese de “ingratidão, portanto homicídio seguido de suicídio”, são apresentados em função da tese anterior marcada em seguida, “faço essa declaração unicamente para que ninguém suponha que eu a mato seja para que ella não se case, ou porque eu queira mas qualquer cousa do que já conquisei” em [2], gerando polifonia em função da utilização do “**não**” (o enunciador traz possível resposta do coenunciador), assim como em T1, em um nível dialógico como apresenta Adam (2011), ou seja, a argumentação é negociada com um contra-argumentador. Os dados que levarão à nova tese são apresentados em função da tese de ingratidão, desprezo, abandono, gerando como inferência que o homicídio e suicídio seriam formas de resgate da honra. Essa ideia é validada pelos dados presentes em T3A, anterior a T3B, em que se tem a tese de “homicídio seguido de suicídio, portanto resgate da honra”. A restrição é estabelecida implicitamente em torno da ideia de interposição da amante, ou seja, ao menos que a amante mostre-se grata ao empenho do orador em confortá-la.

B) T6, abandono amoroso em homicídio seguido de suicídio

Em T6 a situação sociodiscursiva volta-se à intenção de firmar o descontentamento com o abandono amoroso e esclarecer os motivos para o homicídio (en tão eu a rezolvi matal para não ficar com outro) seguido do suicídio, assim como ocorre em T3. Na argumentação é afirmado que as intenções do suicida e o abandono amoroso ocorreram em decorrência dos conselhos dados por “Maricinha”, citada na carta. Essa proposição argumentativa parece ser, em T6, em muitos trechos, prejudicada pela desorganização dos dados que compõem a argumentação, também dificultada pela caligrafia e principalmente pela ortografia e marcas de oralidade. Em seu regime de materialidade, o documento segue uma tessitura padrão (lugar e data, seção de abertura, corpo da argumentação, seção de fechamento e despedida), sendo manuscrito em folha de papel almaço.

T6 3ª pretoria 6Z 4264 – 1919 – Suicídio. O inquérito aponta que Jacyntho José dos Santos tentou assassinar Rosa Alves da Rocha e logo depois suicidou-se disparando um tiro no ouvido direito. Meudy seria um amigo, conhecedor do sofrimento de Jacyntho.

J. Rio 29/10/1919

[1] A Meudy.

[2] Meu amigo e à Policia do Distrito federal Jacintto José dos Santos.

[3]si elle este a sasinato foi ou unnica culpada e Maricinha morador, à Rua Pito de Azevedo n. 25 Por que dava con senlho para ella me largar para a juntar com outro da mesma marca de ella ella já matou co migo com um tiro. [4] ella é uma lêoa filha de pais ajuntas com o cunhado foi para isso que ella matou o Artur, para ficar com o cunhado e meterio eu fique zangado con Rosa Alvez de fazer ella tendo minha miga q-mais en-tão que já em hora posa ajuntar com outro en tão eu a rezouvi matal para ella não fica com outro para ficar para eu sempre por nu mesmo estante ficar sabendo a mãe de ella O An-genor e também e [ilegível] pela morte [ilegível] mas en-tão tudo também da que eu fui a sacino foi au brigado para saber que a pachau so paga com um tipo por que ella foi faleo comei meu di é agora que andas como outro.

[5] Rosa Alves da Rocha.

Jacintto José dos Santos.

Adeus mundo!

Seguindo elementos mais marcantes, observa-se em T6 que na seção de fechamento aparecem duas assinaturas, primeiramente a de Rosa Alves (suposta vítima de homicídio) e a do autor empírico Jacinto José dos Santos (o suicida), seguidas da despedida “adeus mundo”. O assassinato seguido de suicídio foi identificado também em outros casos (T3) e parece ser um aspecto constante em suicídio por motivação amorosa. O amor não correspondido aparece em termos de perfeição, fruto de um imaginário romântico que, à medida que não concretizado dentro dessa idealização, faz com que a morte se torne uma solução ao sentimento de imperfeição e infelicidade que se instaura.

Diferente do que ocorre com T3, o homicídio apresenta-se com um caráter mais voltado à possessividade, matar para que a pessoa amada não seja de mais ninguém, e o suicídio decorrente, como dito, do amor não correspondido (amor não correspondido, portanto, homicídio seguido de suicídio). A imagem de *ethos*, portanto, volta-se a um enunciador possessivo, egoísta, apaixonado. Nas condições de recepção, o discurso volta-se ao ato ilocucionário declarativo e assertivo/constativo (acusando os supostos culpados e firmando os fatos para as ações), destinando-se à polícia e ao amigo.

C) T15 amor como argumento

T15 marca-se pelas referências ao amor de forma mais branda. As intenções discursivas seguem, nesse documento, sob a forma de atos ilocucionários assertivos/constativos, sem delimitações ou detalhes que pudessem esclarecer a cena ou detalhes dos motivos para a escolha da morte voluntária. Embora curto, destaca-se dos outros documentos pela tentativa de contra-argumentação do suicídio e especificamente por sua materialização, as bordas de um jornal do dia anterior. Nesse sentido, traz-se para T15 uma análise mais focada ao plano sequencial argumentativo e às imagens de *ethos* e *pathos*, principalmente pelo tipo de apresentação do texto, como segue:

T15 8ª Pretoria 73 530 – 1931 – Tentativa de Suicídio. O documento destaca-se pelo tipo de suporte utilizado para sua escritura, as bordas da segunda edição do extinto jornal “A Noite” de segunda-feira, 7 de dezembro de 1931. O texto apresenta as iniciais ACR, autoria do soldado da polícia militar Antonio Cerqueira Rocha que deu dois tiros de garrucha em sua cabeça. O inquérito cita tratar-se de uma dupla tentativa de suicídio do casal Antonio Cerqueira Rocha e Maria da Conceição [na verdade Maria Elisa Borges de Andrade, segundo nota de enceramento do auto], sua companheira, que ingeriu substância tóxica. Não há uma ordem precisa dos escritos em razão de serem várias notas nas bordas do jornal como pode ser observado no anexo.

- [1]Em 8-12-931. [2]Aos caros amigos queiram perdoaime deste gesto. [3]Não é espírito fraco sim é o amor que abriga tudo na vida.
[4]Ao caro amigo José A. [5]Nethe queira perdoai-me. [6]Lembrança a todos.
[7]Antonio
[8]Caro F [ilegível Ferreira]. [9]Queira perdoaime deste meu modo de [ilegível - suphotunizar ACR
[10]Peço não culpar ninguém, pois os culpados somos nós mesmos.
ACR

O documento apresenta-se com a recorrência de vários elementos já encontrados nas análises anteriores no que diz respeito a seu plano de texto. É possível visualizar em destaque os termos de abertura, como data, corpo da argumentação, seção de despedida e pedidos de perdão, apesar de não haver ou não ser possível estabelecer uma ordem precisa das proposições em função de a escritura ter sido realizada nas bordas da primeira página do jornal “A Noite”. Seu plano de texto evidencia marcas da carta pessoal (plano de texto fixo).

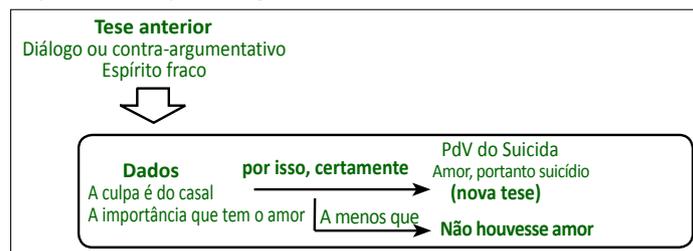
Figura 1 – Detalhe do original



Fonte: Jornal A Noite segunda edição, 7 de dezembro de 1931.

A estrutura é predominantemente argumentativa, com apresentação da contra-argumentação ou princípio dialógico (PdV do interlocutor) já no início do discurso, antecedido pela data. Argumentativamente, não há uma apresentação de dados que poderiam contribuir efetivamente ao direcionamento da nova tese, apenas a autoafirmação da culpa é sugerida como dado e a importância que é atribuída ao amor. O suicídio é justificado pelo amor que seria o sentido para as ações, um amor sugerido como ideal e que suprime todos os outros sentimentos e até mesmo a vontade de viver. O amor romântico, poético, levado ao extremo em que se difunde a ideia do “morrer por amor”, ou por “muito amor”, diante da imperfeição do mundo. Esse pensamento sugere uma evocação ideológica romântica ainda difundida no início do século XX e pela afirmação de o “amor ser o que abriga tudo na vida” em [3].

Esquema 5 – Esquema argumentativo de T15



Fonte: elaborado pelo autor.

Em T15 tem-se a negação como índice polifônico da voz do interlocutor (os amigos). Essa polifonia traz o PdV admitido e o contra-argumento. O enunciador argumenta com base no que admite que seu coenunciador pensa ou pensaria sobre as intenções sobre o suicídio. Ao apresentar “[3]Não é espírito fraco sim é o amor que abriga tudo na vida” como nova tese, o enunciador marca, além da responsabilidade enunciativa (PdV) como o ato deve ser interpretado pelo coenunciador, ou seja, um ato de amor.

Admitir a culpa e pedir perdão é também em T15 um dado recorrente entre os outros documentos. Isso faz pensar na preocupação que tem o suicida em revelar-se culpado por seus atos – no reconhecimento de que o suicídio seria uma fuga da boa conduta (contra-argumento) – e ciente de suas ações. O enunciador marca no *ethos* certo grau de seriedade e boa conduta, uma vez que, a partir da consumação do ato, haveria a busca por culpados, além de uma imagem de si preocupada com os amigos e solitária, “[2]Aos caros amigos queiram perdoarme deste gesto”.

Visualiza-se um discurso orientado pela imagem de um *pathos* conservador, que considera o suicídio como uma conduta condenável e que, por isso, mereceria um pedido de perdão (conservadorismo – contra-argumento). O suicídio é creditado como espírito fraco, grosso modo, uma conduta de pessoas que se sujeitam a aceitar temores tidos como irracionais, ligado a uma crença religiosa.

CONCLUSÕES

Seguindo o que foi apresentado na teoria e adaptação ilustrada nas análises, observa-se paralelamente (com base no protótipo de análise criado) que os documentos analisados enquadraram-se em um plano de representações construídas sobre ações em dois movimentos: a escolha pela morte voluntária e a elaboração de uma mensagem escrita. Trata-se de um movimento de ação reguladora que antecede o suicídio, com vistas a uma atividade sociodiscursiva materializada por um formato escrito. Os documentos constituíram-se significativamente em meio a outros tipos de representações sociais/discursivas, compartilhando traços argumentativos. As produções mostraram uma profunda estabilidade das argumentações quanto à apresentação de um discurso inspirado na motivação por um aspecto amoroso (conservador, religioso) para o suicídio.

Quanto aos aspectos discursivos/argumentativos, observa-se nas cartas e bilhetes analisados no artigo uma relativa estabilidade na figura de um eu discursivo que se mostra excluído socialmente ao optar pelo suicídio. Esse indivíduo apresenta-se excluído e/ou condenado e com base nessa crença constrói sua argumentação. Nesse sentido, as análises dos documentos com produção datada entre 1889 e 1940 evidenciaram uma sociedade em transformação, mas também ainda presa ao ideal romântico da família burguesa. Entre esses valores românticos, principalmente expressos nas produções de suicidas de sexo masculino (caráter do patriarcalismo), a preocupação de ordem moral, pressão social sobre o adultério. O conservadorismo e a moral são características final do

século XIX e início do XX. Em alguns casos do artigo mais particulares e envolvendo os dois sexos, foi corrente o argumento do suicídio em decorrência de um amor não correspondido ou casamento não consentido (T3, T6, T15), ideal romântico de amor que, a partir de uma impossibilidade de concretização, direcionou a argumentação para a opção pelo suicídio.

Pelo processo de esquematização discursiva, o modelo selecionado permitiu refletir que os documentos sociodiscursivamente apresentaram-se ligados por princípios e objetivos semelhantes, configurando-se como uma última mensagem com objetivo de trazer, em sua maioria, motivos para o suicídio e/ou para a escritura dos documentos. Os aspectos da situação sociodiscursiva de produção se instauram na fala de sujeitos de formação discursiva cristã e de uma sociedade conservadora e patriarcal. Essa característica fez com que as condições de produção se instaurassem em torno de marcas composicionais e linguísticas da carta ou do bilhete, sendo que, os documentos menos fundados dentro desses limites, mostraram perder parcial ou totalmente sua finalidade sem o contexto de produção previamente identificado (mesmo em T15 que teve suporte diferenciado).

As possíveis condições de recepção também acabaram por necessitar, nesses mesmos casos, do contexto. O contexto de recepção foi estabelecido com uma preocupação em definir interlocutores particulares, alguém específico, alguém da família ou toda a família, os amigos. Essas características indicam uma preocupação com a resolução do caso instaurado a partir da opção pela morte voluntária. Esse fato descartaria a suspeita de homicídio, tornando-se uma autoafirmação da responsabilidade sobre o ato, como em T15 “Peço não culpar ninguém, pois os culpados somos nós mesmos”.

A sequencialidade argumentativa, visualizada no protótipo criado, foi o norte da análise em todos os documentos e mostrou-se uma ferramenta útil para o estudo de gêneros de base argumentativa. A análise pelo engajamento da sequência matriz, ou sequência dominante, trouxe uma possibilidade de identificação (ou não) do motivo principal, ou motivo base para cada texto, além de significar um tipo de sistematização da argumentação do suicida em função das novas teses defendidas e dos níveis justificativo e dialógico que poderiam estar presentes nessas argumentações.

Um apanhado dos esquemas aplicados nas análises revela que as produções estudadas apresentaram-se divididas entre uma predominância justificativa e uma predominância dialógica ou contra-argumentativa, principalmente com a utilização da negação (**não** com marca dialógica) como em T11B “Peço-lhe não culpar a pessoa Alguma por quanto, sou eu cauzadôr”. No nível justificativo, ficaram as composições em que se verificou na argumentação que o interlocutor era pouco levado em conta, prevalecendo uma estratégia argumentativa baseada nos conhecimentos e fatos apresentados. Apesar de se reconhecer nesses discursos também um traço contra-argumentativo, é mais visível nesses textos uma atitude declarativa e justificativa. Por outro lado, uma argumentação negociada com um contra-argumentador, ou dialógica, foi observada principalmente nos casos em que houve uma tentativa de reconceituação do suicídio com vistas a uma transformação de crenças (T3, T15). A argumentação pelos níveis dialógico e justificativo demonstrou que nos textos as novas teses se construíam com base na apresentação de atitudes conservadoras e nas ideologias românticas e burguesas, além de religiosas. Essas características puderam ser visualizadas em T3A “Sou um duplo pecador, pois além de me matar...”. Traço que demonstra uma ligação causal entre a opção pela morte voluntária e o que é convencionado como uma condenação da alma.

Como apontamento final, pode-se dizer que o modelo ilustrado nas análises possibilitou uma busca mais apurada por informações ou esclarecimentos a respeito da conduta suicida. Indicou também como as razões para o ato suicida podem fundar um texto por meio da visua-

lização de um projeto de dizer, presente no interior dos planos sequenciais e das esquematizações discursivas encontradas.

No que diz respeito ao ato suicida em si, tendo em vista as análises com a utilização do modelo criado (primária e parcialmente, uma vez que não se fez aqui comparação com outras motivações presentes em outros textos) deixar ou não deixar algo escrito mostrou ser um pergunta sem resposta em meio a tantas outras que aparecem junto à prática suicida. As análises do artigo indicam atitudes, valores e crenças que são admitidas por alguns desses sujeitos que, ao optarem pela morte voluntária, optam também por deixar uma última mensagem escrita, sobretudo com o objetivo de apontar o tipo de ação que desencadeou um processo e interrompeu a normalidade ou trajetória de vida desses sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J. M. *Les textes: types e prototypes, récit, description, argumentation, explication, et dialogue*. Paris: Nathan, 1997.

ADAM, J. M. *Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan, 1999.

ADAM, J. M. Une approche textuelle de l'argumentation: «schéma», séquence et phrase périodique. In: MOIRAND, S. D. M. (ed.). *L'Argumentation aujourd'hui*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2004. p. 77-102.

ADAM, J. M. Imagens de si e esquematização do orador: Pétain e De Gaulle em junho de 1940. In: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ADAM, J. M.; HEIDMANN, U.; MAINGUENEAU, D. *Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010a.

ADAM, J. M. BONHOMME. *L'argumentation publicitaire*. Paris: Armand Colin, 2010b.

ADAM, J. M. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2011.

AGREST, D. C. *Por mano propia: estudio sobre las prácticas suicidas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

AMOSSY, R. O *ethos* na intersecção das disciplinas: Retórica, Pragmática, Sociologia dos campos. In: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 93-117.